

APRESENTAÇÃO

O conjunto de artigos que se segue reúne versões modificadas de alguns dos trabalhos apresentados no *Seminário Temático (ST) Socialidades e movimentos: pessoas, palavras e objetos em circulação* realizado no 37º Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisadores em Ciências Sociais (ANPOCS) em outubro de 2013 e coordenado por John Comerford e Wagner Chaves. Compõem esse conjunto os artigos de Ana Cláudia Marques, Luzimar Paulo Pereira e Diogo Bonadiman Goltara. Apresentamos também os textos de Luiz Felipe Rocha Benites, André Dumans Guedes e a resenha de Roberta Brandão Novaes que, apesar de não terem participado desta ST, vinham trabalhando a mesma temática em diálogo com os organizadores do Seminário e deste dossiê. Junta-se a esse conjunto um ensaio que problematiza a temática explorada na ANPOCS a partir do diálogo com os demais textos, escrito por Ana Carneiro e Grazielle Dainese, que atuaram como comentaristas no referido Seminário Temático.

Os textos têm em comum a preocupação de explorar, a partir de pesquisas bastante distintas em termos empíricos, teóricos e de momento de elaboração, os sentidos, as práticas, e as experiências de mobilidade, em especial aquelas que marcam coletividades que se definem ao menos parcialmente por sua relação com o campo (no sentido de universo rural).

Tanto a ideia de realizar o Seminário Temático como de organizar o dossiê *Movimentos e Práticas de Circulação em Coletividades Rurais* surge do diálogo em torno do interesse de vários pesquisadores em explorar as possibilidades abertas, em termos de produção de conhecimento, ao enfocar, nos artigos aqui reunidos ou em outros trabalhos, as práticas e os sentidos de movimentações e deslocamentos, etnografando modos de *viajar, fazer mudança, visitar, passear, passar as férias*, bem como as *andanças, jornadas, giros* (de folia), as modalidades de circulação vicinal como *voltar sempre* na casa de alguém, *estar*

(deslocando-se sem rumo certo na vizinhança), *andar com* (um determinado pessoal), práticas de *chegar, fugir* (com a namorada, por exemplo), *invadir, pular a cerca* (literalmente, no caso dos animais, ou figurativamente), a valorização do *ir para frente*, o medo de *voltar para trás*, a excitação de *aventurar, sair para o mundo*, a reflexão sobre *dar muitas voltas*, as práticas de fazer *chegar presentes e lembranças*, o saber chamar, convidar, *juntar*, o *receber bem*, saber *encher a casa*, e assim por diante. Esse interesse dos pesquisadores não é nada alheio ao interesse dos seus interlocutores em campo, como sugere a riqueza de vocabulário “movimentante” acima evocada. Por caminhos bastante distintos, os autores aqui reunidos acabaram por acompanhar alguns desses movimentos, fazer parte deles, ocasionar alguns outros, eventualmente atrapalhar ou afetar outros tantos, bem como acabaram por se envolver com julgamentos, avaliações, caracterizações e qualificações desses movimentos de pessoas, animais, comidas, objetos, palavras e forças ou entidades espirituais.

Evidentemente, essa formulação é bem genérica, e reúne práticas, sentidos e relações bastante heterogêneos. Mas formular dessa maneira um tanto descontextualizada e misturada algumas das atenções, preocupações e formulações encontradas em distintas coletividades “rurais” permite vislumbrar aí maneiras (variadas) de perceber, experimentar, conhecer e julgar relações tendo em comum a ênfase no deslocamento, na instabilidade, na variação no tempo e no espaço, na relativa imprevisibilidade, nas alterações de perspectiva ou de ponto de vista, naquilo que não está e talvez não possa estar fixado ou cristalizado, na inevitabilidade ou necessidade de *não ficar parado* e as virtudes, virtualidades, prazeres e dores daí decorrentes. Isso fica mais evidente se levarmos em conta que os autores aqui reunidos, e outros autores que temos lido, nos trazem notícia, também, de riquezas de vocabulário para falar do que tende à fixidez e à cristalização – mas falar de maneira que isso é posto explícita

ou implicitamente em relação à movimentação, instabilidade e deslocamento. Termos como sossegado, parado, gelado, preso, amarrado, enterrado, localizado, assentado, ou ainda a atenção àquilo que dura, marca e permanece, como a cerca, a casa, a mãe, o sabor, a lembrança, a paisagem, a comunidade, o centro, a capela, o sítio, o nome, o túmulo, ganham outra perspectiva quando concebidos com ênfase na relação permanente e constitutiva com possibilidade sempre posta de a movimentação e a instabilidade, e com a atenção ao atravessamento do que está fixado por pessoas, animais, objetos, palavras e forças afetivas e espirituais em circulação.

Tudo isso continua muito geral e tem uma intenção apenas sugestiva e evocadora, que só poderá ser mais especificada na leitura dos textos que se seguem. Mas vale a pena assinalar que a atenção minuciosa dos pesquisadores ao modo pelo qual seus interlocutores estão atentos às movimentações (ao mesmo tempo em que às estases e estabilizações), próprias ou alheias, de pessoas, mas também de objetos, animais, conversas, e entidades espirituais, bem como às maneiras pelas quais concebem, narram, julgam e ironizam essas movimentações (ou o seu contrário), permite por sua vez problematizar alguns supostos ou premissas de análise. Marcos morfológicos fixos, por exemplo, com a projeção espacial de relações sociais sendo tomada como premissa, sem referência simultânea ao atravessamento por movimentações, são problematizados. A casa, a propriedade, a vizinhança, a comunidade, a região, o rural, o urbano, são como que postos a borbulhar. Como sugere Tim Ingold em *Lines: a brief history* e em *Being alive: essays on movement, knowledge and description*, para um certo modo de atenção, engajamento e concepção, o movimento vem primeiro. E vem primeiro sem que se possa prever, planejar ou definir exatamente para onde tal movimento vai, ou leva, uma vez que não se está necessariamente, ou não se está apenas, referido a um “espaço” já previamente esquadrinhado. Sem se fixar em referências estáveis, esse modo

de atenção e engajamento concentra-se na percepção e avaliação da densidade e qualidade dos percursos, na identificação dos emaranhamentos de “linhas” percorridas ao modo de caminhada ou andança (wayfaring), no dizer de Ingold, que são melhor descritos por meio de contar histórias ou fazer narrativas (storytelling) do que por classificação e coordenação do espaço.

Essa atenção à densidade e qualidade dos percursos, à forma dos seus emaranhados e ao ritmo dessa sua formação, nos leva por sua vez a um ponto assinalado por Ana Carneiro e Grazielle Dainese em seu ensaio. Os movimentos que interessam às pesquisas aqui relatadas são ao mesmo tempo extensivos, ou seja, referidos a deslocamentos no espaço, e intensivos, no sentido “nativo” de *lugar de muito movimento* ou *de pouco movimento*, do *tempo de movimento*, do *ficar vendo o movimento*. Uma das referências centrais para o movimento extensivo, no sentido apontado pelas autoras, parece ser justamente a percepção e qualificação narrativa dos movimentos intensivos. Como diziam os antigos militantes das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) na Zona da Mata mineira, para explicar o sucesso das atividades das CEBs por ali “na roça” nos anos setenta: “onde tem gente, vai gente” (COMERFORD, 2003). Se essa formulação parece pleonástica, ela não deixa de dar pistas para a compreensão de um modo de orientar movimentações e deslocamentos que não se deixa captar adequadamente por enquadramentos (econômicos, demográficos, político-administrativos) externos e prévios às percepções, engajamentos e experiências dos que se movimentam em busca do movimento e da animação, como os que seguem os caminhos traçados nas *febres*, tal como analisadas por André Dumans Guedes, ou que não querem *ficar para trás* quando todos estão *indo para frente*, como os *gaúchos* analisados por Ana Cláudia Marques. Ou, ao contrário, os que buscam o *sossego*, os que querem *evitar confusão*, os que se *conformaram em ficar para trás*.

Esperamos que os artigos aqui reunidos contribuam para “fazer andar” um diálogo em torno de questões como as aqui sugeridas, num esforço certamente ainda exploratório mas que pode gerar, ao menos, certa animação e algum movimento para tratar dessas questões. Talvez na medida em que esta discussão vá amadurecendo, seja possível revisitar alguns temas clássicos na antropologia, como a morfologia social e suas variações sazonais, a casa camponesa e seus marcos espaciais e umbrais de reversão, ou o ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico, bem como a alguns temas caros aos estudos sobre o campo no Brasil, tais como a migração, a fronteira, e a imobilização da mão de obra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Comerford, J. C. *Como uma família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

Ingold, T. *Lines : a brief history*. London: Routledge, 2007.

Ingold, T. *Being alive : essays on movement, knowledge and description*. London: Routledge, 2011.

John Comerford – PPGAS| MN| UFRJ.

Carmen Andriolli – DDAS |UFRRJ |CERES |IFCH |UNICAMP.